



A
SAGA
DRACONIANA

SOPHIE DUPONT E O DRAKKAR DE PRATA



SOPHIE DUPONT E O DRAKKAR DE PRATA

A · G · OLYVER

1ª Edição
2013

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

0153S Olyver, A. G., 1984
I. A Saga Draconiana/ A. G. Olyver. -
2012
348 P. ; 21 cm.

1. Literatura Brasileira. 2. Ficção.

1. Título.

CDD: B869.3
CDU:821.134.3(81)-31

Direitos Reservados ao Autor

DEDICATÓRIA

Antes demais nada, deixo nessa página minha eterna gratidão a todos aqueles que apoiaram as minhas obras. Aqueles que jamais me deixaram desanimar e perder as forças.

Deixo, em destaque, meu mais profundo e sincero agradecimento e amor às duas mulheres mais importantes de minha vida: Minha mãe, ***Nerci Maria Godois de Oliveira***, e o Amor de minha vida, ***Gleyce Kelly Costa Duarte***. E dedico a elas, com todo o meu coração, essa obra intitulada **A Saga Draconiana**.

A. G. Olyver



A · G · OLYVER



SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
I – NOBRE DESCENDÊNCIA	13
II – NOBRE DESCENDÊNCIA (PARTE 2)	67
III – A ÚLTIMA PROTETORA	87
IV – O INSTITUTO	111
V – CONHECE-TE A TI MESMO	147
VI – A GRADUAÇÃO	173
VII – O CERCO APERTA	195
VIII – O SALÃO DE FOGO	223
IX – ATAQUE AO INSTITUTO	239
X – VELHOS AMIGOS	261
XI – O COMEÇO DO FIM	281
XII – O PESADELO TORNA-SE REAL	311
XIII – OS CAVALEIROS DA NOVA GERAÇÃO	327



A · G · OLYVER

————— | PRÓLOGO | —————

Sempre pensei na vida como um sonho lúcido. Jamais parara para entendê-la, visto que nunca a senti como se fosse real. Dada como um pacote descartável para um orfanato logo ao nascer, fui com o tempo, aprendendo a não esperar muito das pessoas. E mesmo sendo adotada aos dez anos – já com uma idade difícil – por um casal maravilhoso de Nova Iorque que me criou com muito amor e carinho, perdia horas sozinha observando os céus e as nuvens. No mais íntimo do meu coração eu sentia que algo estava prestes a acontecer em minha vida. Uma mudança de proporções descomunais. Entretanto não sabia se aconteceria ainda *naquela* vida, ou quando acordasse.

– Sophie Dupont –





NOBRE DESCENDÊNCIA

Contato do avião com o solo tornava aquele momento concreto, não havia mais volta. Saber que moraria com meus tios naquela cidadezinha esquecida por deus enchia-me de dúvidas. Fora poucas vezes para lá e conhecia no máximo uma meia dúzia de pessoas – e isso era muito, pois não conseguia ser tão sociável como gostariam que fosse –. A morte dos meus pais me abalou menos do que deveria também. De fato sentia falta deles, mas era uma sensação *realmente* complicada. Fui adotada tarde; então meus tios em Siete Pasos eram a única família que me restara.

Rapidamente tirei meu smartphone da mochila e olhei as horas – sei que deveria tê-lo desligado, mas quem o faz?

– Quase quatro horas... – resmunguei.

– Tem algum encontro? – perguntou a mulher que viera sentada ao meu lado.



Olhei-a com cautela, nunca fora de confiar e dar conversa para estranhos, porém uma mulher aparentemente cega e vestida como uma “socialite” não parecia oferecer nenhum perigo.

– Não. É que estou um pouco ansiosa – disse com um sorriso amarelo. Não gostava muito de “jogar conversa fora”, pois sentia que não dariam importância para o que dissesse. Nunca deram.

– Qual o seu nome mocinha? Não é daqui, certo? – perguntou insistindo em uma conversa.

– Sophie. Não... Sou de Nova Iorque... – respondi seco tentando concluir nosso pequeno evento social.

Manter-me sozinha sempre fora minha melhor proteção e, mesmo assim, acabava me machucando na maioria das vezes; mas felizmente o comandante do avião acabou liberando a saída e, sem perder tempo, levantei-me e enfiei-me por entre os outros passageiros que tentavam formar uma longa e desordenada fila para descer.

– Vejo que está com pressa... – ela disse.

Pude pensar no mesmo instante em alguma piada entre o “vejo” e o fato dela parecer cega, mas preferi me manter calada. Aquelas piadas não eram por maldade, apenas vinham à minha mente sem serem convidadas.

– Pois é. Meu tio está esperando – por que dei corda?

– Ah! Que bom. Mande-lhe um abraço por mim – ela disse tentando se sentir íntima.

Vira muito disso na instituição para menores, sempre o mesmo papo furado, mas no final das contas não dão a mínima para o que acontecerá com você depois que eles saem.

– Mandarei sim. Até mais! – encerrei a conversa.

Na sala de desembarque, aquela multidão toda acabava com meus nervos. Queria sair o mais rápido daquele lugar. Odiava estar rodeada por pessoas estranhas – talvez algum trauma por estar



sempre pulando de um lar adotivo para outro. Nunca andei muito na linha, afinal se andar na linha o trem pega.

– Até mais mocinha. E cuide-se. Se um dia for à nossa cidade, vá visitar minha loja. Chama-se *SUBLIME* – disse a mulher enquanto passava por mim empurrando o carrinho de bagagens. Não entendia como fazia aquilo sendo cega. Talvez não fosse.

Olhei para a esteira e lá estavam elas, minhas duas enormes malas, que juntas, pesavam no máximo quinze quilos. Peguei-as e, colocando-as no carrinho de bagagens, dirigi-me à saída. Esperando-me, lá estava meu tio Walter, irmão da minha finada mãe que por sete anos criou-me como se me colocara no mundo ela mesma. E, por aquilo, só tinha a agradecê-la.

– Fee! – gritou ele. Meu apelido particular.

Em suas mãos vi algo que não conseguia acreditar. Algo perturbador. Ele segurava uma placa escrita com grandes letras tortas “FEE DUPONT” – morri de vergonha.

– O que pensa que está fazendo tio Walter? – disse por entre os dentes repreendendo-o enquanto me aproximava com o carrinho de bagagens.

– Achei que não fosse me reconhecer, já faz cinco anos que não vem à Califórnia – sorria ele de orelha a orelha.

Meu tio, sempre gentil, tomou o controle do carrinho e começou a empurrá-lo.

– Vamos. O carro está lá fora – ele disse.

– A tia Anne não veio? Nem a Alexandra e o Jack? – perguntei. Temia não os ter reconhecido ali por perto.

– Sua tia está em casa preparando as coisas para o jantar. Alex saíu com o namorado e Jack tinha jogo hoje em Houston.

Senti-me aliviada.

Meus primos queridos, Alexandra e Jackson. A primeira era uma aventureira maluca que só me metia em encrencas e o segundo um “pegador barato” que achava ser o centro do mundo.



– Então Alexandra está namorando? – fiz-me de curiosa, mas a verdade é que tinha outras coisas mais importantes para me preocupar, como por exemplo, a minha vida. Sempre havia problemas no meu futuro e aquilo me deixava inquieta.

– É. Eu, particularmente, não gosto dele. É um motoqueiro riquinho. Ele é muito esquentado... – o tipo predileto da Alexandra – Sabe os Rogers? – ele perguntou.

– Acho que não.

– Os donos do *Pinte & Compre...*

– Não estou lembrada.

– Bem... os donos do hipermercado, ele é filho deles.

– Ah! O hipermercado. Acho que lembro. Um garoto brigão, não é? – comentei. – Eles não tinham uma filha que brincava conosco? Acho que o nome era Sue Anne...

Havia lembrado dos dois, com os quais convivia durante os verões.

– Esses mesmos. Essa menina é outro problema, Fee.

– Ela sempre foi meio deprê... – e sem falar que ficava violentando as nossas bonecas.

– Agora, dizem, está usando drogas... – até então nada inesperado, ela era bem perturbada.

– Veio com o “ferrugem”, tio? – perguntei ao chegarmos ao estacionamento. Ferrugem era o carro velho do tio Walter.

– Vim. Está ali – respondeu-me apontando para o velho Chevrolet estacionado, cuja pintura não se podia mais definir de tão enferrujado.

– Está na hora de trocar de carro, tio Walter – disse cheia de cinismo.

– Esse é um Chevrolet Malibu Classic 1979... sabe quanto vale um carro desses? – perguntou ele estufado de orgulho feito um pavão.

– Não sei... uns quatro mil dólares? – disse rindo. Não devia valer nem aquilo.



– Três mil e quinhentos... – respondeu baixinho andando em direção ao porta malas.

Ele guardou minhas malas e, com alguns solavancos, fechou a tampa.

– Podemos ir – ele entrou no carro.

Tentei abrir a porta, mas parecia estar soldada.

– Não consigo abrir, tio Walter. Parece emperrada – lamentei.

– Não, Fee. Tem que empurrar a porta, puxar um pouco para cima e então puxar... – explicou-me. Só me restou rir da situação.

Ao empurrar a porta senti como se fosse despencar a qualquer momento – o velho ferrugem-. A porta fez um som que parecia um container abrindo e, por fim, ao puxar, soltou-se bruscamente pendendo um pouco para baixo.

– Nossa! – exclamei surpresa.

O carro parecia estar se desmanchando.

– Eu sei que está um pouco velho... – ele disse envergonhado.

– Pouco? – ri irônica. Senti-me mal no instante seguinte, não queria ofendê-lo.

– Mas sua tia e eu estamos juntando dinheiro para comprar um carro mais moderno.

Esperava que não demorasse muito. Não que eu fosse metida e quisesse andar em um carro do ano, mas qualquer carro que não estivesse se decompondo estava de bom tamanho.

Entrei no carro e fechei a porta – com certa dificuldade –. O estofamento, se é que poderia chamar assim, parecia feito de esponja pura. O assoalho era coberto de papéis e jornais que tampavam os buracos corroídos pela oxidação.

– Sua tia não vê a hora de você chegar, Fee. Vamos logo. Coloque o cinto. – disse colocando o seu próprio. Pelo menos havia cinto.



Sáimos do aeroporto e fomos para Siete Pasos, que ficava mais ou menos à uma hora de Santa Ana, onde desembarquei.

O caminho era seco e a poeira levantava-se hostil pela estrada; o calor da Califórnia, terrível como o inferno, fazia-me derreter e claro que o velho ferrugem não tinha ar condicionado. Esquecera de como era horrível a viagem de Santa Ana até Siete Pasos, porém logo estaria terminada e eu estaria deitada na grande banheira da tia Anne, banhando-me. Isso sim era animador.

– Como tem sido a vida em Nova Iorque, Fee? – perguntou ele iniciando outro evento social fora de hora.

– Nada de mais. Sabe como é. Morávamos próximo ao Central Park, então passava quase todo o tempo livre lá alimentando os passarinhos – mentira.

– Sério, Fee? – perguntou apreensivo como se isso fosse algo assombroso.

– Claro que não tio. É Nova Iorque! Óbvio que sempre tinha coisas incríveis para fazer – outra mentira.

– Entendo. Bem... aqui não é Nova Iorque... – obviamente não era –, mas poderá ir à Los Angeles sempre que quiser, é pertinho – concluiu ele.

O pertinho dele era algo em torno de duas horas de viagem. Tio Walter tinha um “ótimo” senso de tempo e distância.

– Alexa ficou tão ansiosa ao saber que viria morar conosco que pediu para que a colocássemos no seu quarto. Claro que se não gostar pode ficar no quarto de hóspedes – disse.

Alexa era uma aventureira maluca, mas confesso que não devia existir no mundo uma garota tão companheira como ela. Sempre me meteu em encrencas, mas ficava comigo até o fim. Mal se podia dizer que éramos primas e, não só por ela ser morena com olhos escuros e eu loira de olhos azuis, um verdadeiro contraste, mas por não ser tão desinibida e não ter metade de sua coragem, extravagância e beleza que, diga-se de passagem, deixava todos os garotos babando.



– Vou adorar ficar no quarto da Alexa, tio Walter – disse para animá-lo. Ele estava contendo demais para lhe estragar o momento com minha “privacidade”.

– Que bom, Fee! Fiquei com medo de você querer ficar em um quarto separado, por causa da privacidade. Então teríamos que mudar todo o quarto de novo – disse. Parecia que já haviam decidido tudo.

Após uns quarenta minutos de viagem um barulho peculiar começou a chamar minha atenção. Parecia que havia soltado um pedaço do motor e esse se jogava contra a lataria incessantemente sendo acompanhado por uma fumaça espessa e aparentemente, devido minha crise de tosse, tóxica.

– Tio Walter, o que é isso? – perguntei assustada.

– Não acredito que me esqueci de por água no radiador! – disse decepcionado com tudo aquilo.

– Água onde? – indaguei atônita. Sabia tanto de mecânica quanto de engenharia naval. A única coisa que me preocupava é que o barulho e a fumaça aumentavam ao passo que o carro parava.

– Espero não ter fundido o motor... – resmungou enquanto rapidamente descia do carro e corria em direção ao capô.

– Não acredito que ficamos no meio do nada, tio Walter! – exclamei desanimada.

– Calma, Fee. Vou telefonar para Anne. Vou pedir para ela mandar o Pablo vir nos buscar e mandar um reboque também...

Como disse, Tio Walter telefonou para tia Anne e, depois de esperar mais meia hora naquele deserto quente e empoeirado, o Sr. Pablo, o amigo mexicano do tio Walter chegou em sua camionete tão feia e velha quanto o pobre finado ferrugem.

– Tio Walter. Não seria mais seguro irmos à pé? – perguntei com algum sarcasmo. A camionete do Sr. Pablo parecia irmã mais velha do ferrugem.



– Está tudo bem, Fee – ele tentou me acalmar – Lembra do Sr. Valejo?

– Acho que não. Deveria? – perguntei no seco. Aquele sol estava me matando e já ficara estressada com toda aquela situação.

– Não se lembra da Rosa? – ele quis pescar alguma remota lembrança dos verões que passara na sua casa.

– Rosa? – indaguei.

– A Rosalyn. – explicou.

Agora sim lembrara. Rosalyn. Como poderia tê-la esquecido? A pequena mexicana de nome estranho que batia nos garotos da rua. Era praticamente uma boxeadora criada à bomba. Nunca soube de uma garota como ela, tão mais forte e violenta que qualquer garoto de sua idade.

– Sim. Lembrei. A pequena Rosa... – dei um meio sorriso como se isso fizesse parte da minha “infância feliz”.

O Sr. Pablo aproximou-se de nós rindo e trazendo consigo uma corrente comprida. Como estacionara com a traseira da camionete para nós imaginei que também se prontificaria a rebocar o velho ferrugem – afinal os carros eram da mesma família.

– Como estas Walter? – perguntou o Sr. Pablo com sotaque mexicano.

– Parece que consegui fundir o motor do Malibu... – disse o tio Walter acariciando o teto do carro.

– Acontece, amigo. Vamos, deixe-me prendê-lo para rebocá-lo.

O Sr. Pablo olhou-me de cima a baixo como se eu viera de outro planeta – como se aquela barba mal feita e o boné de caminhoneiro o fizessem mais terráqueo que todos.

– Essa é a pequena Fee? – perguntou ele.

Parecia que ainda havia algumas dúvidas como, por exemplo: *será que ele é cego?* Tinha um metro e setenta e um. Como podia me chamar de pequena? – barrigudo.

O tio Walter sorriu e contou – com detalhes, não que o sol estivesse quente, mas tudo bem – a minha vinda para Siete Pasos. O Sr. Pablo, então, resolveu lembrar os momentos “agradáveis” da minha “infância feliz” brincando com Alexa, Sue Anne e Rosalyn.

– Tio Walter – chamei a atenção – Estou derretendo...

– Ah sim! Vamos, Fee – respondeu ele assustado.

Finalmente caíra a ficha que estávamos no meio do nada com um sol escaldante sobre nossas – minha – cabeça.

Entramos na camionete da qual o interior parecia ter saído de uma fossa cheia de óleo onde pelos cantos havia tantos pedaços de estopa que se podiam construir uns duzentos ninhos de rato.

– Tio Walter, essa é a avó do ferrugem? – perguntei ao pé do ouvido.

O tio Walter gargalhou e logo fez sinal de silêncio, repreendendo-me por fazer graça com a camionete do Sr. Pablo, que, por sinal, estava xingando-a em espanhol por não conseguir ligá-la.

– O que aconteceu, Pablo? – perguntou o tio Walter.

– Nada. Ela teima em ceder, mas ela pega – respondeu tentando ligá-la freneticamente.

O Sr. Pablo tentou pelo menos umas dezoito vezes até que conseguiu ligar a camionete. Naquele momento eu estava cantando louvores por aquele milagre. Já era quase cinco horas da tarde e ainda estávamos na estrada. Nunca desejara tanto estar logo em Siete Pasos.

– Agora sim, vamos! – gritou o Sr. Pablo contente por ter feito a camionete funcionar.

Arrancamos – finalmente – e fomos o mais depressa que a velharia conseguia correr – em torno de uns quarenta quilômetros por hora – e logo – não *tão* logo – estaria na minha nova casa descansando meus ossos.

Tio Walter estava sendo o mesmo de sempre, ainda assim sabia que fazia isso por mim e, com certeza, era grata, mas por



quanto tempo ele aguentaria sem tocar no nome de minha mãe? Sua irmã morrerá não fazia dois meses e ele nem aparecera ao funeral. Eu mesma não teria ido se não por força maior – os conselheiros legais da instituição –, não por má vontade, mas por preferir conviver com meus sentimentos, sozinha.

– Fee... – ele disse em um tom triste. Sabia que não demoraria muito.

– Sim, tio Walter – estava pronta.

– Sei que passamos por um bocado nesses últimos dois meses. Não consegui sequer ir para Nova Iorque, mas quero que saiba que não falaremos disso até que você queira. Eu prometo que não a atormentaremos com isso.

– Obrigada, tio Walter – disse aliviada. Isso era muito legal de sua parte.

– Conheço você. Por mais que aparente estar lidando numa boa com isso tudo, sei que por dentro está sofrendo tanto quanto eu; então respeitaremos essa dor e tentaremos, sua tia e eu, fazê-la levar uma vida maravilhosa conosco – encerrou o tema.

Aparentemente não me conhecia tão bem assim. De fato estava triste com a morte de Amanda e Nicholas, meus pais, mas algo em mim tranquilizava-me, algo em mim dizia-me que estavam em um lugar melhor. Sempre olhei para essa vida com olhos estranhos aos demais, sempre me senti em um estado entre o sonho e a realidade, como se eu estivesse acordada, mas permanecendo adormecida. Claro que nunca falei com ninguém sobre isso, não entenderiam. No máximo eles me mandariam a um psicólogo.

– Estou feliz por estar aqui comigo, tio Walter – disse abraçando-o. Imaginei que fosse a coisa certa a se fazer naquele momento. Ele precisava daquilo.

Tio Walter sorriu e abraçou-me em resposta. Quase me sentia em casa, pois era minha família; porém ainda me sentia incompleta – não que isso fosse novidade. Fora assim a vida toda.

